



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

“QUEM NÃO QUER *DIZIMAR* NÃO DEVE CONGREGAR”: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO RELIGIOSO PROTESTANTE NO SISTEMA CAPITALISTA



“THOSE WHO DO NOT WANT *TO TITHE* SHOULD NOT CONGREGATE”: THE FUNCTIONING OF PROTESTANT RELIGIOUS DISCOURSE IN THE CAPITALIST SYSTEM

Belmira MAGALHÃES
Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Daniel Santos OLIVEIRA
Universidade Federal de Alagoas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 30/10/2023 • APROVADO EM 22/04/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1249>

Resumo

Este estudo objetiva investigar as condições de produção de fragmentos de discursos enunciados por um pastor evangélico/protestante no ano de 2023, que tocam na questão do/sobre o dízimo. A fundamentação teórica baseia-se nas perspectivas discursivas materialistas propostas por Pêcheux (2014a), Orlandi (2006, 2007, 2020) e Magalhães (2011). Os procedimentos de análise procuram levantar possibilidades de respostas para a seguinte pergunta: de que maneira o discurso religioso protestante afeta (ou não) o funcionamento do sistema capitalista? A formulação do *corpus* da presente pesquisa

ocorreu a partir da transcrição de dois vídeos extraídos da plataforma *YouTube*. A análise de tais transcrições deu-nos a ver que esses discursos além de revelarem no protestantismo formas de adaptação institucional da fé à ideologia dominante, funcionam resgatando da história sentidos que são, simultaneamente, capitalistas e religiosos.

Abstract

This study aims to investigate the conditions of production of fragments of speeches delivered by an evangelical/protestant pastor in the year 2023, which touch on the issue of/about tithing. The theoretical foundation is based on the materialist discursive perspectives proposed by Pêcheux (2014a), Orlandi (2006, 2007, 2020) and Magalhães (2011). The analysis procedures seek to raise possible answers to the following question: how does Protestant religious discourse affect (or not) the functioning of the capitalist system? The formulation of the corpus of this research occurred based on the transcription of two videos extracted from the YouTube platform. The analysis of such transcriptions showed us that these speeches, in addition to revealing in Protestantism forms of institutional adaptation of faith to the dominant ideology, function by rescuing from history meanings that are, simultaneously, capitalist and religious.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Discurso religioso. Protestantismo. Capitalismo. Dízimo.

Keywords: Religious speech. Protestantism. Capitalism. Tithe.

Texto integral

Considerações iniciais

É possível perceber que a religião evangélica/protestante, atualmente, tem-se expandido na/pela sociedade por meio das inúmeras congregações que são fundadas a cada ano. Considerando que tais associações religiosas precisam funcionar, pela forma da Lei, desde 2003, com personalidade jurídica (o que as registra e regula como uma entidade comercial), levantamos a hipótese de que as atividades da Igreja Protestante nomeada Vivo Por Ti, fundada em 2009 pelo pastor evangélico Anderson Silva, parecem mesclar (oscilar entre) relações comerciais (capitalistas) e espirituais.

Utilizamos como espaço para observação dessa dupla atuação fragmentos de discursos religiosos protestantes, tendo como pergunta orientadora: de que maneira o discurso religioso protestante afeta (ou não) o funcionamento do sistema capitalista? Na busca por tecermos possibilidades de respostas, constituímos como *corpus* desta pesquisa alguns discursos que recuperamos de postagens nas redes sociais *Instagram* e *Youtube*, com autoria do referido pastor evangélico, no ano de 2023, com o objetivo de explorarmos as condições de produção e a (re)produção dos sentidos do/sobre o dízimo (nomenclatura atribuída ao dinheiro que entra nas Igrejas) que estão sendo ali movimentadas.

Considerando a hipótese e a pergunta citadas, fundamentamo-nos no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso fundada no materialismo histórico, proposta por Pêcheux, para questionarmos a história e o funcionamento

da ideologia na/pela sociedade capitalista. Recorremos, assim, a Pêcheux (2014a) e a Orlandi (2020) para compreendermos a noção de/sobre o discurso, já em relação ao discurso religioso cristão, fundamentamo-nos em Orlandi (2006, 2007). No que se refere à noção de/sobre o sujeito, buscamos auxílio em Orlandi (2020), Magalhães (2011) e Magalhães e Moraes (2017). Para tratarmos a respeito do funcionamento do capitalismo na/pela sociedade, com foco particular na (re)produção dos sentidos do/sobre o dízimo em discursos protestantes, fundamentamo-nos em Abreu e Dionízio Neto (2015), Silveira Neto (2011) e Weber (2001).

Questões para a Análise de Discurso: sujeito, discurso religioso e ideologia

As perspectivas teórico-metodológicas que constituem a Análise de Discurso (AD), proposta por Michel Pêcheux (França) e por Eni Orlandi (Brasil), fornecem as condições para investigarmos a (re)produção dos sentidos e o funcionamento dos fragmentos dos discursos religiosos/protestantes pesquisados, selecionados e aqui postos sob análise. Dessa forma, para explorarmos o modo com que tais discursos afetam (ou não) a organização da sociedade capitalista, é imprescindível, inicialmente, entendermos que, para a AD, o termo discurso “implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, 2014a, p. 81).

Esses pontos A e B, nas palavras de Pêcheux, se referem aos sujeitos que estão, ao mesmo tempo, participando dos processos discursivos e correspondem às posições que precisam ser ocupadas no/pelo funcionamento dos discursos. Assim sendo, no estudo aqui desenvolvido, trabalhamos com a noção de que o sujeito é “discursivo [e] pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (Orlandi, 2020, p. 47).

E pela intervenção do materialismo histórico/dialético, trabalhamos com a noção de sujeito constituído “por uma objetividade que introduz as marcas das relações sociais, através da ideologia, que, [...] enquanto sujeito discursivo, será determinado pelas relações de classe de seu tempo [...]” (Magalhães; Moraes, 2017, p. 131-132). Então, não nos interessa neste estudo detalhar as propriedades biológicas e/ou individuais dos sujeitos, pois, escrevendo em perspectiva discursiva, “defendemos um sujeito constituído nas práticas sociais concretas” (Magalhães; Cavalcante, 2007, p. 137).

Entendemos, nesses termos, que, em uma pesquisa construída sobre a teoria do materialismo histórico-dialético, “não se pode tratar de nenhum fenômeno, e aí se incluem o psíquico e o linguístico, sem levar em conta as relações sociais de um mundo dividido em classes sociais antagônicas” (Magalhães, 2011, p. 35). Isso porque o materialismo histórico fornece ao estudo do/sobre o discurso meios que são fundamentais para investigarmos o real da história, que afeta a constituição dos sujeitos e só pode ser observado por meio de análises que se desdobrem para além do linguístico.

Por essa via, consideramos que a partir do método “do materialismo histórico e dialético, se chega ao real da história e ao real objeto que estamos debruçados: o objeto da AD, que é o discurso” (Magalhães, 2020, s.p.). Marcamos, então, a necessidade de compreender que “o sujeito é sujeito de uma dada formação social, e que nas sociedades de classes se acha subsumido à luta de classes” (Magalhães, 2011, p. 34). Referindo-se ao aporte teórico a que nos filiamos, Magalhães traz a seguinte percepção:

Seguindo a lógica de compreensão do método dialético adotado por Pêcheux, nada escapa ao histórico, e há possibilidade de explicação do real. Na Teoria do Discurso está explícito que, embora considere a AD uma disciplina de Interpretação, esta é submetida às posições dos sujeitos sociais [...] construindo uma teoria objetiva da subjetividade. Sintetizando, podemos afirmar que toda subjetividade está submetida ao fazer histórico-social de cada sociabilidade (2011, p. 35).

Desse modo, quando mencionamos o termo sujeito enquanto uma categoria teórica de análises, estamos pensando no sujeito das classes que se constitui (e, por conseguinte, consegue ocupar a posição-sujeito no/pelo discurso) sócio-historicamente. Destarte, já que “nada escapa ao histórico”, somos levados a considerar que em uma “sociedade dividida em classes, todas as escolhas, das mais pessoais – como a quem se pode amar – até as econômicas – a forma de explorar o trabalhador –, são determinações sociais” (Magalhães; Moraes, 2017, p. 131).

Ainda com base nas proposições da AD, para estudarmos o funcionamento dos discursos, é impreterível utilizarmos também a noção teórica que se refere às condições de produção. Logo, “o que são, pois, as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (Orlandi, 2020, p. 28). Uma vez que já entendemos como trabalhamos o sujeito pela AD, é significativo detalhar que as mencionadas situações podem ser pensadas sob duas formas: em sentido estrito e em sentido *lato*. Em relação ao primeiro, se trata das “circunstâncias de enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato” (Orlandi; Lagazzi-Rodrigues, 2017, p. 17).

Por exemplo, para investigarmos o funcionamento do contexto imediato do fragmento “quem não quer dizimar não deve congrega¹”, é necessário avaliarmos, dentre outros aspectos, o que motivou tal declaração e quais sujeitos estavam envolvidos nesse momento e local. Assim como para entender que “no sentido *lato*, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo” (Orlandi; Lagazzi-Rodrigues, 2017, p. 17), precisamos interrogar, nesse mesmo recorte, o modo como *dizimar* está sendo discursivizado por um sujeito interpelado pelo discurso religioso protestante.

Interpelado porque, nesse caso, o autor de tal declaração (o ponto A, nos termos de Pêcheux [2014a]) está “fazendo funcionar” a posição-sujeito religioso; e

¹ Mais adiante, descreveremos e analisaremos com maiores detalhes a afirmação “quem não quer dizimar não deve congrega” que foi dita através da plataforma digital *Instagram*, pelo pastor Anderson Silva, líder da Igreja Vivo Por Ti. É preciso indicar que as plataformas digitais *Instagram* e *YouTube* (de onde transcrevemos os fragmentos dos discursos) disponibilizam seus conteúdos abertamente em domínio público.

como veremos mais adiante, ser líder religioso (pastor) constitui tanto a posição de onde enuncia como o discurso que (re)produz. Julgamos necessário também explicar a repetição da alcunha “protestante”: ao analisarmos o *corpus* que selecionamos, notamos a existência de uma especificidade evangélica/protestante que pressupõe a de (apenas) um discurso religioso cristão. Logo, é importante, para os objetivos deste estudo, darmos ênfase aos efeitos da autoria de um sujeito que “faz falar” a voz de Deus sendo legitimado pela posição pastor-evangélico-protestante.

Por isso, é significativo realçar que o presente estudo se inclina a observar o funcionamento de fragmentos de discursos (re)produzidos por um sujeito que ocupa esta posição de liderança religiosa: um pastor evangélico. E para entendermos alguns aspectos que constituem essa específica posição-sujeito, se atendo aos efeitos de sentido do que está sendo dito, partiremos da reflexão de que “no discurso religioso, em seu silêncio, ‘o homem faz falar a voz de Deus’” (Orlandi, 2007, p. 28, grifo da autora).

De acordo com Orlandi, interpretamos esse “homem” (o ponto A nos termos de Pêcheux) como o sujeito discursivo pastor evangélico Anderson Silva² e, à luz da AD, consideramos que o gesto de “fazer falar” a voz de Deus ocorre a partir de um específico movimento em que, no discurso religioso, há “uma voz que se fala na outra da qual é representante” (Orlandi, 2006, p. 244). Somos levados a refletir, assim, com base na autora, que essa representação, nos recortes que analisaremos, personifica (materializa) a voz de Deus, dentro de um jogo (que é imaginário³) por meio do qual a voz do pastor é também a voz Deus.

No funcionamento do processo discursivo que investigaremos mais à frente, observaremos o modo como o pastor evangélico Anderson Silva (re)produz discursos a partir dessa posição-sujeito religioso protestante que o faz oscilar entre a voz de Deus (quando pastor) e a sua própria voz. Nesse caso, a voz de um pastor evangélico pode funcionar discursivamente tal qual a voz de Deus porque do outro lado da interlocução existe um outro sujeito que também é religioso: o crente (nos termos de Pêcheux [2014a], seria o sujeito na posição B; a quem o sujeito A se dirige quando reproduz discursos).

Designamos como sujeitos religiosos “crentes” aqueles que também são interpelados (constituídos) pelo discurso religioso protestante, mas que não fazem falar a voz de Deus. Ou seja, estão na posição B e são os ouvintes/destinatários do sujeito A; ambos envolvidos e participantes de semelhantes contextos imediatos. E concluindo a reunião de algumas partes que compõem a AD, trazemos outra noção teórica indispensável para os interesses deste estudo: a ideologia.

De acordo com Orlandi (2017, p. 20), é essencial levar em conta que “a ideologia, na formação teórica da Análise de Discurso, é elemento de base, fundamento da constituição do sujeito e do sentido”. Isso é, para a teoria materialista histórica, a ideologia afeta tanto o sujeito (constituindo-o) como o sentido (permitindo sua reprodução), e esse funcionamento se mostra como

² Quando citamos esse nome próprio, não procuramos trazer para as análises informações a respeito do sujeito empírico, mas sim do efeito de autoria que pode haver nos discursos selecionados para este estudo.

³ De acordo com Orlandi (2017, p. 17), para a AD, assim como veremos mais adiante, é através do estudo da ideologia que se “permite observar a relação do real com o imaginário”.

condição *sine qua non* para que a sociedade consiga marcar (criar) a história. E também é importante ressaltar que quando a professora Orlandi (2017) cita a ideologia como um dos aspectos constitutivos dos sujeitos, está se baseando na Teoria da Ideologia proposta por Althusser (1985) e utilizada por Pêcheux (2014b).

Pêcheux, em seus modos de articular e constituir a sua teoria (materialista) do/sobre o discurso, trouxe “para o campo dos estudos da linguagem a concepção althusseriana de Ideologia” (Indursky; Ferreira; Mittmann, 2015, p. 43). Isso porque uma das principais teses elaboradas por Althusser (1985, p. 93): “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” é empregada (aproveitada) por Pêcheux dentro dos seus pressupostos do/sobre o discurso, considerada como “uma estrutura-funcionamento [...] que dissimula sua existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências subjetivas*, [...] ‘nas quais se constitui o sujeito’” (Pêcheux, 2014b, p. 139).

Então, ao atentarmos que a ideologia “aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (Orlandi, 2020, p. 46), somos levados a entender que “se pensamos a ideologia pensamos sujeitos na história, na sociedade, afetados pelo político” (Orlandi, 2017, p. 22). Assim sendo, o que faremos, na seção seguinte, é explorar, pelo viés histórico, os modos como a ideologia e os discursos religiosos protestantes têm moldado (submetido) os sujeitos às imposições de uma sociedade capitalista.

Questões para a história: as relações entre o capitalismo e a Igreja Protestante

Tendo mobilizado alguns dos pressupostos teóricos indicados pela AD, buscaremos, a partir desta seção, pesquisar e questionar aspectos históricos que nos dê possibilidades para compreendermos como específicos discursos do líder de uma Igreja Protestante funcionam no/pelo sistema capitalista. Há, então, a necessidade introdutória de contextualizarmos o que temos referido aqui como Igreja Protestante e como capitalismo para que, considerando os efeitos de sentido carregados por ambos assuntos, possamos ver e analisar seus modos de funcionamento na/pela sociedade.

Para seguirmos com a teorização, enfatizamos que o Protestantismo aqui referido diz respeito a uma religião cristã fundada pelo monge alemão Martinho Lutero (1483–1546). Por volta do século XVI d. C., Lutero publica cerca de 95 Teses que, dentre outros aspectos, criticavam a fragilidade da divindade dos representantes católicos (especialmente a Infalibilidade⁴ do Papa) e condenavam determinadas práticas clericais as quais, para ele, abusavam da (exploravam a) força de trabalho das classes sociais que estavam subordinadas ao poder católico.

Lutero impulsionou, por meio de seus estudos e escritos, na Europa, a chamada Reforma Protestante, que se opôs, fortemente, ao funcionamento da Igreja Católica, esta, na época, taxava irrestritos impostos a população, favorecendo, exclusivamente, os seus próprios meios de acúmulo do capital.

⁴ De acordo com Oliveira (2022, p. 83), essa “Infalibilidade Papal é instituída por meio de um dogma católico que isenta as determinações e decisões do Papa (que são tomadas e divulgadas em situações formais, solenes, a partir da posição de Pastor Supremo da Igreja) de eventuais erros”.

Lutero, então, percebeu e divulgou que estava acontecendo uma acelerada expansão dos bens e propriedades católicos porque “a Igreja Católica não via com bons olhos aqueles que adquiriam patrimônio além do suficiente à sua subsistência. Condenava a usura, o lucro além do necessário à manutenção da vida [...]” (Silveira Neto, 2011, p. 84).

É indispensável sinalizarmos para o leitor que tanto Lutero quanto a Reforma Protestante movimentaram diversas questões muito mais complexas e densas do que as que estamos mencionando aqui. O foco investigativo deste artigo está, como temos visto, nos efeitos das relações entre alguns discursos que foram enunciados pelo pastor protestante fundador da Igreja Vivo por Ti e no funcionamento do sistema capitalista; daí, portanto, a necessidade de restrição dessa discussão.

De acordo com Abreu e Dionízio Neto (2015), podemos perceber que a Igreja Católica, embora não praticasse, ensinava a importância da pobreza, reprovava o lucro e pregava que o desenvolvimento econômico do cidadão em particular não poderia glorificar a Deus. É justamente em oposição e rompimento a essa via (de mão única) de enriquecimento do clero que a Reforma Protestante vai “incutir em seus seguidores que dentre as formas de salvação da alma, uma delas e das mais importantes, dava-se pelo trabalho honesto, pela expansão dos negócios e pela geração de riqueza como fruto do trabalho do homem” (Silveira Neto, 2011, p. 84).

Desse modo, o protestantismo, enquanto religião que nasce na Alemanha por volta do século XVI, em oposição ao catolicismo, “era movido por valores como os do trabalho, ascetismo, individualismo, etc., que eram fortes incentivos para o desenvolvimento de atividades capitalistas e a acumulação de capital” (Viana, 2006, p. 41). Já conseguimos notar que as doutrinas católicas, as quais nutriam as variadas formas de aproveitamento abusivo, passam a, pelo crescimento do número de protestantes, darem lugar a valores religiosos que defendiam o seguinte: “a aquisição do lucro feito honestamente nada mais é do que o fruto do trabalho do cristão” (Silveira Neto, 2011, p. 84).

Em vista disso, compreendemos que as Igrejas Protestantes assumiram um papel de reeducação dos seus seguidores dado que, inserindo novas mentalidades em relação às suas próprias vidas econômicas, “impulsionaram o capitalismo. Pois, na ética protestante, a ascensão econômica indica a benção ou a presença de Deus nos negócios ou na vida dos indivíduos” (Abreu; Dionízio Neto, 2015, p. 5). Ou seja, os (novos) discursos luteranos/protestantes na Europa do século XVI, ao passo que reduziam a supremacia da Igreja Católica, consolidavam na sociedade “a inserção da liberdade, o respeito ao Direito de Propriedade e o incentivo a acumulação de capital por meio da valorização do trabalho [...], pedra de toque do capitalismo” (Silveira Neto, 2011, p. 86).

Uma vez que estamos observando esses efeitos do protestantismo na origem (século XVI) e na constituição do capitalismo, precisamos, neste momento da escrita, dar um salto em direção à contemporaneidade: século XXI. Quando olhamos para o funcionamento da sociedade atual, notamos que o capitalismo persegue o lucro que, impreterivelmente, precisa ser “sempre renovado por meio da empresa permanente, capitalista e racional. Pois assim deve ser: numa ordem completamente capitalista da sociedade, uma empresa individual que não tirasse

vantagem das oportunidades de obter lucros estaria condenada à extinção” (Weber, 2001, p. 5).

Tocar nessa questão a respeito das formas que o capitalismo encontra para obter lucro nos coloca diante da noção de mais-valia proposta por Marx (1980): “a mais-valia é a forma de exploração característica do capitalismo. Consiste na diferença entre o valor do produto e o valor do capital despendido no processo de produção” (Loyola, 2009, p. 131). Loyola, explorando a obra de Marx (1980), chama a atenção para a existência de “duas espécies de capital envolvidas na produção: o capital constante⁵ e o variável” (2009, p. 131).

Precisamos entender que “a chave do conceito de mais-valia está na dinâmica do capital variável” (Loyola, 2009, p. 131) porque esse capital variável, “utilizado na compra da força de trabalho necessária à produção, apresenta um aumento quantitativo – uma variação – do início para o fim do processo produtivo” (Loyola, 2009, p. 131). Assim sendo, o que estamos tentando trazer para esta pesquisa é a assimilação de que, para Marx, “é apenas o trabalho que produz valor. No capitalismo, os trabalhadores não são proprietários dos meios de produção. [...] São obrigados a vender a sua capacidade de trabalhar [...], a sua força de trabalho” (Loyola, 2009, p. 131).

Ou seja, essa força de trabalho é consumida (explorada) por um sistema que (tenta) anula(r) todo e qualquer aspecto subjetivo/emocional do trabalhador, que não é selecionado (contratado) por sua condição de ser social dotado de singularidade, mas porque “a força de trabalho, como as matérias primas, também é consumida no processo de produção, sendo mais uma mercadoria⁶ colocada à venda no mercado” (Loyola, 2009, p. 131). Nessas circunstâncias, podemos entender, através dos modos de funcionamento da sociedade moderna, que

o capitalismo está relacionado com o lucro, que é necessário para o desenvolvimento e a continuidade de todas as empresas, pois sem o lucro não tem como uma empresa se desenvolver, diminuindo a capacidade de competir com as outras, levando-a à falência (Abreu; Dionízio Neto, 2015, p. 4).

E para continuarmos investigando o foco desta pesquisa (relação entre discurso protestante e capitalismo), trabalharemos, a partir deste ponto, a Instituição Igreja Protestante, como uma empresa que funciona no/pelo sistema capitalista.

Assim sendo, lançamos aqui duas perguntas que nos ajudarão a concluir esta seção e a iniciar as análises do *corpus* que selecionamos: 1 - de que maneira uma empresa consegue funcionar no/pelo sistema capitalista? 2 - de que maneira a empresa Igreja Protestante consegue funcionar no/pelo sistema capitalista? Como respostas, apressamo-nos em trazer as possibilidades em que nos aprofundaremos mais adiante. Para a pergunta 1: através do lucro; para a pergunta 2: através do dízimo.

⁵ Para Loyola (2009, p. 131), o capital constante “consiste no valor dos meios de produção consumidos e é transferido integralmente para o produto”.

⁶ A força de trabalho enquanto mercadoria possui uma peculiaridade “que a diferencia das demais mercadorias, pois a força de trabalho é consumida, logicamente, por meio do próprio trabalho. E este, como já se disse, possui a propriedade de adicionar valor” (Loyola, 2009, p. 131).

Procedimento de formulação e análise do *corpus*

Afirmar que analisaremos o *corpus* selecionado significa que, a seguir, com base nas teorizações já mobilizadas, “metodologicamente, vamos interrogar, questionar e problematizar o processo de significação e o funcionamento dos sentidos e dos discursos na história” (Massmann, 2021, p. 347). Ou seja, analisaremos os recortes de discursos enunciados (postados, já que retiramos das redes sociais) pelo pastor evangélico Anderson Silva, para que possamos compreender “as condições de produção e o processo discursivo que ali é posto em funcionamento” (Massmann, 2021, p. 347).

Considerando nosso interesse em explorar como os discursos de líderes protestantes afetam (ou não) as relações sociais-capitalistas, digitamos no site www.google.com.br “declarações de pastores evangélicos a respeito do dízimo” e, pelo aparecimento com maior incidência, selecionamos dois fragmentos de discursos com autoria do pastor Anderson Silva. É importante explicar que, pelo referido site de busca, fomos direcionados até as plataformas *Instagram* e *Youtube* de onde fizemos as transcrições de cada recorte analisado.

Assim, para que consigamos “reabrir questões sobre o caráter ético, político e de responsabilidade de nossa prática teórica e metodológica de descrição- interpretação [...] [a] partir da relação sujeito-objeto (sempre uma relação determinada historicamente)” (Silva Sobrinho, 2015, p. 38), é indispensável detalharmos que, hoje, pastores evangélicos são responsáveis por liderar/administrar uma Igreja/Templo ou congregação. Dentre as suas funções, está o dever de orientar/aconselhar os participantes da congregação (os crentes) e conduzir, fazendo pregações e citando ensinamentos bíblicos, as reuniões da igreja (os cultos).

No caso desta pesquisa, temos citado o pastor Anderson Silva, que é líder da Igreja Vivo Por Ti. Tal igreja evangélica “nasceu há 7 anos, na escadaria do Conic, ao lado de uma boca de fumo. Migrou para uma sala de 30 metros quadrados, no mesmo local” (Menezes, 2016, s.p.). De acordo com Menezes (2016, s.p.), “pouco depois, o número de integrantes aumentou e Silva quis ter um espaço físico mais adequado para cultos e outras atividades. Alugou um imóvel na C5, em Taguatinga Centro. Ali, as atividades se multiplicaram”.

Sobre a fonte do *corpus*, sinalizamos que a rede social *Instagram* não identifica os usuários que destinam comentários/questões ao pastor Anderson Silva. Na ocasião selecionada e transcrita abaixo, o pastor responde à seguinte pergunta: “o que falar para uma pessoa que diz não sentir paz em dizimar⁷?”

Para uma pessoa que não quer dizimar, você tem que pedir coerência a ela. E falar: quem não quer dizimar não deve congrega. Porque até a cadeira que a pessoa vai assistir o culto é fruto da generosidade dizimista de um membro da igreja (Valverde, 2023, s.p.).

⁷ Tal escrito está entre os minutos 3:13 e 3:30, no vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tno2w6AzAlc>. Acesso em: 04 jul. 2023.

A princípio, nesse recorte, chama-nos atenção a criação de uma nova palavra que é ortograficamente igual a outra já existente. Frequentemente utilizado como substantivo, *dízimo* é definido, de acordo com Ximenes (2000, p.334), como “contribuição ou imposto equivalente a um décimo da renda”. Porém, funcionando no modo com que foi empregado em Valverde (2023, s.p.) como um verbo, *dizimar*, Ximenes (2000, p. 334) aponta que possui a designação de “aniquilar, exterminar. Destruir, devastar”. Do ponto de vista discursivo, como podemos interpretar essa mudança de substantivo para verbo?

Ao investigarmos as condições de produção desse discurso, percebemos que se trata de um momento em que o pastor Anderson Silva está, pela interpelação da ideologia religiosa que o constitui como um líder protestante, enunciando na/pela posição-sujeito que representa e faz falar a voz de Deus (Orlandi, 2006). Nesse caso, o referido pastor foi indagado porque parece haver um imaginário, sustentado pelos efeitos de sentido que sua posição (ponto A) provoca, de que sua resposta seria equivalente (já que personifica) à do próprio Deus.

Ocupando esse lugar de ser aquele que é validado a tirar dúvidas e dirimir questões (de natureza religiosa), parece haver, no funcionamento do ponto A, uma espécie de oscilação entre a posição-sujeito homem e a posição pastor que materializa, pelo discurso, a voz de Deus. E é justamente esse duplo funcionamento que tenta lançar ao silenciamento todos os outros sentidos de “*dizimar*”, os quais não se aproximam das práticas de oferta/contribuição. Isso porque, se o ponto A (homem/Deus) está instruindo o ponto B (os crentes) a “pedir coerência” a uma “pessoa que não quer *dizimar*”, somos levados a observar a existência de efeitos de sentidos ruins (ou pelo menos indesejados) não no “*dizimar*”, mas na sua (possível) ausência.

Vimos, por meio de Orlandi (2020), que a ideologia constitui os sentidos através das relações que ocorrem na/pela sociedade, entre a língua e a história. Nesse caso, um dos efeitos de tais relações parece tentar atualizar o sentido que há/havia em “*dizimar*”, elidindo a significação de aniquilar/exterminar para uma ação (já que é verbo) tão necessária ao crente que a sua eventual omissão está sendo discursivizada como incoerente por aquele que incorpora a voz de Deus. E qual é essa ação? Podemos interpretar, então, que o ponto A está tentando fazer o verbo “*dizimar*” carregar, nessa circunstância, o sentido de dar/ofertar o *dízimo*.

Em vista disso, precisamos retomar alguns aspectos históricos para continuarmos analisando o funcionamento dessa aparente atualização. Temos trabalhado nesta pesquisa a Igreja Protestante como uma empresa e, através de Weber (2001), entendemos que toda e qualquer empresa, obrigatoriamente, tenta fugir da extinção/falência, se atendo às oportunidades de obtenção de lucro; e é justamente essa a lógica (imposição) do capital que submete também a Igreja Protestante, mesmo sendo uma instituição religiosa.

Aprendemos também, de acordo com Abreu e Dionízio Neto (2015), que alguns valores protestantes impulsionaram, nos crentes, práticas de individualismo e acumulação de patrimônio, as quais, em larga escala, constituíram (e até hoje fazem funcionar) o capitalismo. Tais valores, além de nutrirem (garantirem) a perpetuação da ideologia dominante-capitalista, reproduzem efeitos tamanhos que parecem subordinar até mesmo a voz de Deus (uma das

posições-sujeito do ponto A). Ou seja, aquilo que a história nos mostrou a respeito da relação protestantismo e capitalismo na Europa, no século XVI, parece, até hoje⁸, continuar funcionando sem atualizações.

Compreendemos essa não atualização no momento que a declaração “quem não quer dizimar não deve congrega”⁹, dita por uma posição-sujeito que pode ser a voz de Deus, discursiviza o “dizimar” como uma exigência compulsória para poder (ter permissão de) “congrega”. Em outras palavras, entregar o dízimo parece funcionar como um requisito para que o(s) sujeito(s) em B (que participa[m] junto com A desse processo discursivo) possa(m) integrar uma congregação (nesse caso, a Igreja Vivo Por Ti) e, pelos efeitos da adesão e convivência em grupos/classes determinadas (em tal caso, religiosas), constituir(em)-se crente(s).

Essa reprodução de sentidos que parece haver em “quem não quer dizimar não deve congrega” nos coloca diante de um interessante efeito do capital: (somente) aqueles que gozam de recursos financeiros suficientes para “dizimar” podem “congrega”. É certo que nesse fragmento o pastor Anderson Silva não disse “quem não ‘pode’ dizimar não deve congrega”. Estamos trabalhando aqui com a hipótese de que em “não quer” pode haver o sentido de “não poder” ou “não conseguir”. É uma das possibilidades de interpretação que estamos aventando.

Nessas circunstâncias, a ideologia dominante-capitalista está se mostrando por meio de uma espécie de divisão de classes: de um lado, os que, por conseguirem “dizimar”, constituem-se, pelo aval da congregação, como crentes; e do outro, os que, por não conseguirem “dizimar”, sofrem os efeitos do “não devem congrega”.

Portanto, a ocorrência da atualização que indicamos haver na significação de “dizimar” limita-se ao campo semântico (nível gramatical) porque esse discurso enunciado e postado pelo pastor Anderson Silva tanto corrobora com as estruturas do capitalismo como inclui a ele mesmo (a congregação que fundou) no contumaz objetivo de, com base em Weber (2001), sempre lucrar. Podemos, por assim observar, levantar a hipótese de que no funcionamento de “quem não quer dizimar não deve congrega” estão costurados sentidos capitalistas, os quais, validados no/pelo discurso religioso protestante, pregam/induzem que é na congregação/templo que deve haver o acúmulo do capital.

Vale ressaltar que, não distante do que temos discutido, em “até a cadeira que a pessoa vai assistir o culto é fruto da generosidade dizimista de um membro da igreja”, parece haver a construção de um efeito de eufemismo o qual tenta suavizar a dura imposição desse imposto, utilizando “generosidade” para disfarçar (fazer esquecer?) que ser “dizimista” é a condição para que um sujeito-religioso possa ser (entrar na classe do) crente, “membro da igreja”. E para continuarmos com as análises, trazemos, abaixo, um outro recorte a respeito do dízimo com autoria do pastor Anderson Silva.

Um usuário não identificado do *Instagram* dirige a Anderson Silva o seguinte comentário: “Bispa disse que entre pagar o aluguel e dar o dízimo, que a pessoa dê o dízimo⁹”. A respeito de tal declaração, o pastor assim explica:

⁸ Relembramos que os fragmentos dos discursos aqui analisados são datados de 2023.

⁹ Tal escrito está entre os minutos 1:11 e 1:33, do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tno2w6AzAlc>. Acesso em: 03 jul. 2023.

Obviamente, dar o dízimo, né, querido? Obviamente dar o dízimo, sim. Porque as pessoas gostam, né - o crente vitimista - ah, que exploração! Nunca dou o dízimo porque nunca tenho! Não deveria ser o contrário o raciocínio? Por que nunca tenho? Porque nunca cumpre os princípios bíblicos. Então é melhor, sim, entregar o dízimo do que pagar o aluguel (Valverde, 2023, s.p.).

Como vimos, a consolidação do sistema capitalista foi se expandindo na Europa no século XVI, fortemente influenciada por valores e doutrinas luteranas/protestantes que pregavam, dentre outras questões (observamos que eram 95 Teses de Lutero), o seguinte: o tamanho das bençãos que um crente poderia receber de Deus seria proporcional à dimensão do seu patrimônio e ao êxito com que empreende sua força de trabalho. Em relação a isso, Silveira Neto (2011) levanta algumas hipóteses sobre o modo como o protestantismo afetou positivamente o desenvolvimento de nações como Alemanha, Estados Unidos e Canadá.

A investigação que fizemos desses aspectos históricos apresentou-nos a existência de um tipo de potencial enriquecedor que é dadivado aos filiados ao protestantismo e que não está, nesse caso, funcionando para aquele que interrogou o pastor. Na indagação, notamos uma determinada necessidade de priorizar um pagamento em detrimento de outro; essa seleção das dívidas leva-nos a uma questão: se, como vimos, o protestantismo colaborou com o desenvolvimento de nações inteiras, por que parece não estar enriquecendo também, especificamente, o crente autor dessa pergunta?

Se levarmos em consideração a grande distância cronológica que separa o século XVI do século XXI, conseguiremos, facilmente, perceber que, nos dias atuais, “a religião protestante muito pouco tem conseguido melhorar a vida das pessoas e trazer o renascimento de padrões éticos e morais para a América Latina. Talvez, por causa da própria cultura instaurada nos últimos séculos” (Souza, 2007, p. 57). Desse modo, para entendermos o que motiva o aparente conflito de interesses que há em “é melhor, sim, entregar o dízimo do que pagar o aluguel”, é impreterível questionarmos as “determinações impostas historicamente pelas contradições próprias do modo de produção capitalista e pela luta de classes. Tais determinações constituem a realidade concreta na qual os sujeitos históricos se movem” (Siqueira, 2012, p. 370).

Essa contradição pode ser observada no modo como o sistema capitalista “concede muita riqueza a uns e extrema pobreza a outros” (Souza, 2007, p. 34). Isso porque os modos de funcionamento das pessoas jurídicas, que hoje movem o capital, apegam-se à urgente necessidade do lucro, o qual possui origem na (existe pela) força de trabalho das pessoas físicas (mais-valia¹⁰). O que estamos considerando, nesse caso, é que até mesmo as empresas filiadas às concepções religiosas parecem se submeter (obedecer) a um “sistema de produção cujo

¹⁰ Vimos que “o conceito de mais-valia se refere ao tempo de trabalho que é apropriado pelo patrão, gerando o lucro da empresa” (Florêncio, 2009, p. 87).

objetivo não é a satisfação direta das necessidades, mas a obtenção de um lucro em dinheiro [...]. Uns ganham enquanto outros perdem” (Foladori, 1999, p. 33).

Compreendemos, então, que as condições reais/concretas de existência do crente que precisa escolher entre pagar o dízimo ou pagar o aluguel, estão subordinadas a um discurso religioso o qual funciona reproduzindo sentidos capitalistas e garantindo a permanência de uma dinâmica: “a riqueza produzida na sociedade comandada pelo capital não gera sua maior distribuição, mas sua acumulação” (Siqueira, 2012, p. 370). Ou seja, quando o sujeito que faz falar a voz de Deus (Orlandi, 2006), afirma que “é melhor, sim, entregar o dízimo do que pagar o aluguel” parece, demonstrando fidelidade ao capitalismo, dar predileção ao fluxo monetário da sua empresa (templo protestante) em relação às necessidades básicas do crente: o aluguel.

E quando discursivizado como um “crente vitimista”, esse sujeito, sendo um proletário que vende sua mão de obra para o mercado (mais-valia), tem essa sua demanda (aluguel) lançada, por quem materializa a voz de Deus, sem inibição, à preterição. Logo, “é melhor, sim, entregar o dízimo do que pagar o aluguel” parece ser um mandamento capitalista que se camufla no/pelo discurso religioso para assegurar (proteger) que “quanto maior a riqueza socialmente produzida, maior a acumulação dela por alguns poucos [...] e maior a pauperização da maioria (que a produzem, mas pouco lhes resta em relação à riqueza por eles produzida)” (Siqueira, 2012, p. 370).

Na especificidade da teoria que estamos movimentando, é significativo salientar que não entendemos pobreza como “um aspecto residual, transitório do capitalismo, [mas] estrutural e resultado do seu próprio desenvolvimento. O capitalismo gera acumulação, por um lado, e pobreza, por outro” (Siqueira, 2012, p. 370). E interpretando, nessa situação, que o autor da pergunta habita no lado em que a pobreza é produzida, surge para nós uma questão: quais seriam (exclusivamente para o sujeito crente) as consequências do não pagamento do aluguel?

Por exemplo, se observarmos algumas cláusulas de contratos habitacionais entre proprietários (ou corretores) e inquilinos, perceberemos que a inadimplência pode reproduzir efeitos como a penhora dos bens, o despejo e até a prisão do locatário. Tais reações, consideradas aqui como imersas em um cenário onde já existe a pobreza, não recairão, como sabemos, sobre os ombros daquele que está recomendando o pagamento do dízimo; ou seja, nos parece que “é melhor, sim, entregar o dízimo do que pagar o aluguel”, dita por aquele que materializa a voz de Deus, empurra para o silêncio (todas) as negativas repercussões que essa opção pode causar¹¹.

Com semelhantes características, o fragmento “por que nunca tenho [dinheiro]? Porque nunca cumpre os princípios bíblicos [dar o dízimo]” coloca o discurso religioso protestante à disposição do capitalismo (a voz de Deus está dizendo ao crente: independentemente da sua situação financeira, entregue o dízimo) e recorre (apela?) para questões emocionais e ideológicas que tentam empurrar o sujeito-crente que não (pode) dizimar(r) para o lugar de culpado. Observamos, nessas circunstâncias, o que constitui essa resposta do pastor: “é a

¹¹ Dizimar com sentido de exterminar/aniquilar é tão silenciado, nesse caso, quanto os efeitos de não pagar o aluguel.

opção privilegiada e inexorável pela acumulação de capital, em detrimento do bem estar social amplo. O humano e seus 'desejos' se transformam em material de manipulação em busca de lucro" (Dupas, 2008, p. 5).

Concluimos, apontando que os modos de funcionamento do capitalismo na/pela sociedade geram grandes desequilíbrios na distribuição econômica, ampliando as distâncias entre aqueles que acumulam e aqueles que produzem, mas não acessam, o capital (Marx, 1980). Nos parece, pelo caminho aqui percorrido, que as respostas analisadas possuem autoria de um sujeito conhecedor das diretrizes capitalistas e que se esforça, pelos efeitos de sentido que sua posição (re)produz, para salvar, não (somente) as almas dos crentes, mas (também) o caixa da sua empresa.

Considerações finais

Ao longo do batimento entre a teoria e o *corpus*, que tentamos realizar no decorrer desta pesquisa, fomos direcionados ao entendimento de que os gestos analíticos em torno das consequências do capitalismo na sociedade não possuem um fim. Porém, pelo interesse de alcançarmos um efeito de fecho para este estudo, retomamos a pergunta orientadora apresentada no início da escrita: de que maneira o discurso religioso protestante afeta (ou não) o funcionamento do sistema capitalista?

Para levantarmos algumas hipóteses, considerando o objetivo de explorar as condições de produção e a (re)produção dos sentidos do/sobre o dízimo que estão sendo mobilizados nos discursos selecionados, vamos nos ater a um importante aspecto observado que, evidenciado pela análise, reclama sentidos divergentes: damos a ver a existência de conflitos de interesses tanto na relação do pastor com o crente como na relação do protestantismo com o capitalismo. E por que entendemos haver tais conflitos?

Os sentidos bíblicos/capitalistas reproduzidos nas/pelas respostas que analisamos, enunciadas por um sujeito que tem validade institucional para materializar a voz de Deus, pareciam estar sendo contrariados por uma possível esperança de dispensa/remissão do "dizimar". Eis o primeiro conflito: o sujeito pastor, o qual defende "quem não quer dizimar não deve congrega", parece privilegiar o fluxo do caixa da sua empresa, no momento em que não mostra piedade diante do crente pouco confortável em (ou impossibilitado de) pagar o imposto religioso.

Nesse caso, o protestantismo como adaptação institucional da fé ao capitalismo revela que o possível não dizimar, que fere o interesse (nutrido pela lógica do capital) que a empresa (Vivo por Ti) tem em (sempre) se manter saudável financeiramente, parece estar sendo suprimido por discursos constituídos por princípios capitalistas, os quais estão disfarçados tanto em citações bíblicas como na voz de Deus. A aparente preocupação do pastor, o fundador/proprietário dessa Igreja, nos fez vislumbrar que as orientações protestantes as quais influenciaram o enriquecimento (coletivo) de nações pelo mundo, hoje estão sendo acionadas para o enriquecimento de poucos: uma empresa ou um sujeito em particular (o dono, o patrão, o representante do CNPJ).

Por fim, entendemos que, no duelo entre protestantismo e capitalismo, o capitalismo oculta (faz sumir) a capacidade que o protestantismo tem/tinha de afortunar, irrestritamente, os seus adeptos. E pelo desafio de ler/interpretar os discursos hoje, o qual nos propomos a realizar neste estudo, compreendemos a necessidade de colocar as lutas de classes no foco da pesquisa científica para que, no exercício de investigar com métodos, questionemos o funcionamento dos sentidos entregues como únicos e verdadeiros.

Referências

- ABREU, Jheovanne Gamaliel Silva de; DIONÍZIO NETO, Manoel. A relação do protestantismo com o capitalismo segundo Max Weber. *Revista FAFIC*, [S. l.], v. 4, 2015.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos Ideológicos de Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- DUPAS, Gilberto. Pobreza, Desigualdade e Trabalho no Capitalismo Global. *Nueva Sociedad*, [S. l.], n. 215, maio-jun. 2008.
- FLORENCIO, Ana Maria Gama *et al.* *Análise do discurso: fundamentos e prática*. Maceió: Edufal, 2009.
- FOLADORI, Guillermo. O Capitalismo e a crise ambiental. *Revista de Ciências Sociais e Econômicas - Raízes*, [S. l.], n. 19, 1999.
- INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Org.). *Análise de discurso: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux)*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.
- LOYOLA, Paulo Ricardo Gontijo. Valor e mais-valia: examinando a atualidade do pensamento econômico de Marx. *Argumentos - Revista de Filosofia*, [S. l.], ano 1, n. 2, 2009. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18937>. Acesso em: 21 out. 2023.
- MAGALHÃES, Belmira. A determinação da objetividade e as possibilidades da subjetividade: real da história e real do sujeito. *Fragmentum*, [S. l.], n. 29, p. 33-38, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/11164>. Acesso em: 20 out. 2023.
- MAGALHÃES, Belmira. *Materialismo Histórico, Dialético e Discurso* - BELMIRA MAGALHÃES (UFAL). [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal ENCIDIS - UFF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pl6dpFWiLgQ>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- MAGALHÃES, Belmira; CAVALCANTE, Maria do Socorro A. de O. História, consciência e inconsciente: o sujeito na Análise do Discurso. *Leitura*, [S. l.], v. 2, n. 40, p. 131-144, 2007.
- MAGALHÃES, Belmira; MORAES, Andrea. Sujeito: trabalho, linguagem e discurso. In: CAVALCANTE, Maria do Socorro A. de O. (Org.). *Linguagem, discurso e ideologia: a materialidade dos sentidos*. Maceió: EDUFAL, 2017.

- MARX, Karl. *O Capital (Crítica da Economia Política)*: Livros I, II e III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MASSMANN, Débora *et al.* Artivismo de gênero: discursos de/sobre a mulher no “feminejo”. *Leitura*, dossiê especial “Discurso, Gênero, Resistência”, Maceió, n. 69, p. 343-355, maio-ago. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11983/8623>. Acesso em: 03 jul. 2023.
- MENEZES, Leilane. Pastor brasileiro pede perdão a homossexuais em cerimônia de lava-pés. *Metrópoles*, Lago Sul (DF), 24 mar. 2016. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/pastor-brasiliense-pede-perdao-a-homossexuais-em-cerimonia-de-lava-pes>. Acesso em: 03 jul. 2023.
- OLIVEIRA, Daniel Santos. *O discurso do Papa Francisco: entre redes de memória e processos de atualização de sentidos*. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed., 4. reimp. Campinas: Pontes, 2006.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. *Eu, tu, ele*. Discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI. Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia Mariani *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.
- SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. O analista de discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético. *Revista Conexão Letras*, [S. l.], v. 9, n. 12, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55120>. Acesso em: 21 out. 2023.
- SILVEIRA NETO, Otacílio dos Santos. A ética protestante e o espírito do capitalismo: considerações em torno da relação liberdade e desenvolvimento econômico. *FIDES*, Natal, v. 2, n. 1, jan.-jun. 2011.
- SIQUEIRA, Luana Souza. Desenvolvimento e pobreza: uma análise crítica. *Temporalis*, Brasília, DF, ano 12, n. 24, p. 353-384, jul.-dez. 2012.
- SOUZA, Nilson Levi Zalewski de. *Religião e desenvolvimento: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América*. 2007.

97 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

VALVERDE, Fábio. *Pastor Anderson Silva - Dízimos e Ofertas é Bíblico?* [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Fábio Valverde - Música e Luthieria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tno2w6AzAlc>. Acesso em: 03 jul. 2023.

VIANA, Nildo. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

Para citar este artigo

MAGALHÃES, Belmira; OLIVEIRA, Daniel Santos. "Quem não quer dizimar não deve congregiar": o funcionamento do discurso religioso protestante no sistema capitalista. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 101-117, jan.-abr. 2024.

Autoria

Belmira Magalhães possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1969), mestrado e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (1992; 1999) e realizou estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (2008/2009). Atua como professora titular voluntária na Universidade Federal de Alagoas, no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL). Suas pesquisas e produções são desenvolvidas nas áreas: 1. Análise do Discurso Político; 2. Literatura; 3. Estudos de Gênero. E-mail: brcmagalhaes@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2803-4216>.

Daniel Santos Oliveira é doutorando e Mestre (2022) em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É especialista (2020) em Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica pela Faculdade Pitágoras. É licenciado (2019) em Letras com Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É pesquisador da/na História das Ideias Linguísticas e da/na Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux e por Eni Orlandi, com ênfase no funcionamento da ideologia capitalista, do discurso religioso cristão e das questões de gênero/sexualidade. Desde julho de 2023, tem as etapas de doutoramento financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL). E-mail: oliveira.dan@outlook.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4414-6389>.